



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Ordem Patriarcal de Gênero e Relações Sociais de Sexo

**“Recatada, doce e uma boa mãe”: a religião valorizando e reproduzindo a submissão da mulher**

Ana Carolina Ribeiro Ruzycki<sup>1</sup>  
Ana Clara Rusisca Rodrigues<sup>2</sup>  
Claudia Neves da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Partindo da conjuntura brasileira, na qual se verifica a relação entre conservadorismo, religião e gênero, o problema estudado consiste no questionamento quanto ao fato de os valores religiosos persistirem na reprodução, imposição e legitimação de normas de comportamentos para homens e mulheres na sociedade brasileira atual. A partir de revisão de literatura e, posteriormente, a aplicação de três entrevistas com mulheres de uma cidade do norte do Paraná, objetivou-se compreender como esses valores religiosos influenciam ações e comportamentos das mulheres. Verificou-se que as mulheres, por se inserirem em uma estrutura patriarcal e conservadora, reproduzem cotidianamente normas e concepções religiosas.

**Palavras-chave:** Mulher; Conservadorismo; Religião; Patriarcado; Submissão

**Abstract:** Starting from the Brazilian situation, in which the relationship between conservatism, religion and gender is verified, the problem studied consists of questioning whether religious values persist in the reproduction, imposition and legitimization of behavioral norms for men and women in current Brazilian society. Based on a literature review and, subsequently, the application of three interviews with women from a city in the north of Paraná, the objective was to understand how these religious values influence women's actions and behaviors. It was found that women, as they are part of a patriarchal and conservative structure, reproduce religious norms and conceptions on a daily basis.

**Keywords:** Woman; Conservatism; Religion; Patriarchy; Submission

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Estudante do 3º ano do curso de Serviço Social/UEL; bolsista de iniciação científica/CNPq. E-mail de contato: [ana.carolina.ruzycki@uel.br](mailto:ana.carolina.ruzycki@uel.br)

<sup>2</sup> Estudante do 3º ano do curso de Serviço Social/UEL; bolsista de iniciação científica/CNPq. E-mail de contato: [ana.clara.rusisca@uel.br](mailto:ana.clara.rusisca@uel.br)

<sup>3</sup> Doutora em História. Profa. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social e do Departamento de Serviço Social/UEL. E-mail de contato: [claudianevevess@uel.br](mailto:claudianevevess@uel.br)



Ao tratar de conservadorismo, gênero e religião, em primeiro lugar é imprescindível pontuar a conjuntura brasileira, na qual tais questões são inseridas e manifestadas. De acordo com Almeida (2017), o país, nos últimos anos, tem sofrido com a perda de direitos conquistados após a redemocratização, com forças que vão na direção do retrocesso de direitos garantidos na Constituição de 1988. O autor designa esse movimento como “onda conservadora”. *Pari passu* ao conservadorismo, o conservadorismo religioso cristão, de acordo com Silva (2022, p. 259) configura também uma das mais perversas ofensivas a direitos na contemporaneidade.

Ainda, aponta que o maior protagonismo do conservadorismo moral religioso se dá entre os evangélicos pentecostais, que disputam “pela moralidade pública para maior controle dos corpos, dos comportamentos e dos vínculos primários” (ALMEIDA, 2017). Entretanto, além do protagonismo dos evangélicos pentecostais, o autor indica que a “onda conservadora” também é constituída por católicos, outras religiões e não religiosos. Sendo assim, Almeida afirma que, da mesma forma que nem todos os evangélicos são conservadores, a pauta conservadora está para além dos evangélicos.

Isso posto, ao tratar da conjuntura brasileira, é indispensável conceituar conservadorismo. Silva (2010) aponta que, do ponto de vista comum, conservadorismo se relaciona com o desejo de manter intacto, recorrendo à rejeição do novo, interpretando a mudança enquanto um risco a ordem instituída. Indo na mesma direção, de acordo com a ciência política, conservadorismo se refere “às ideias e atitudes que visam à manutenção do sistema político, contrapondo-se às forças inovadoras” (SILVA, 2010, p. 53). Nesse sentido, o conservadorismo se constitui enquanto uma resposta às teorias modernas que distanciam a visão tradicional.

Tratando do cenário eleitoral brasileiro de 2018, com a ascensão da figura de Jair Messias Bolsonaro para as eleições presidenciais do país, o conservadorismo se tornou uma pauta ainda mais evidente. Nesse viés, Gracino Junior et al (2021) aborda que a defesa de valores tradicionais e conservadores atuaram enquanto características fundamentais dos discursos bolsonaristas, com a presença de elementos religiosos.

No que diz respeito a aproximação de Bolsonaro com os evangélicos, os autores abordam a reportagem “Costura política que uniu Bolsonaro aos evangélicos” da Revista Época (2018) para indicar que essa relação entre evangélicos, conservadorismo e Bolsonaro não era um fenômeno recente. Nesse sentido, indicam que em 2006, no contexto de tramitação do Projeto de lei nº 122 que criminalizava a homofobia, houve a aproximação de Jair Bolsonaro, enquanto deputado federal (PP), e o pastor Silas Malafaia. Com isso, o discurso conservador das lideranças evangélicas pentecostais ganhou cada vez mais espaço político.



Ainda, Gracino Junior et al consideram que, por mais que a religião não tenha sido a única determinante na eleição de Jair Bolsonaro, o voto dos evangélicos foi essencial nas eleições de 2018. Tal importância vai além da dimensão numérica na medida em que foi consolidado discursos morais na mobilização eleitoral.

Por fim, cabe ressaltar que, de acordo com Maitino (2020), tal contexto eleitoral contou com o resgate de antigos símbolos e ideias liberais e conservadoras. Nesse viés, os “conservadores tenderiam a se tornar mais autoritários, buscando ‘proteger seu modo de vida’, o que os tornaria propensos a apoiar políticos populistas e reacionários” (MAITINO, 2020, p. 8).

Posta tais conceituações, se conclui que o problema de pesquisa abordado nesse artigo é a forma como os valores religiosos das mulheres reproduzem e legitimam normas de comportamento na sociedade brasileira atual. Assim sendo, o objetivo geral é compreender como os valores religiosos influenciam as ações e comportamentos femininos. Para atingir tal objetivo e analisar o problema posto, procurou-se identificar como as mulheres expressam seus valores religiosos em sua concepção de mundo, relacionando com as normas de comportamento que reproduzem uma lógica religiosa.

O percurso metodológico foi baseado em revisão de literatura sobre conservadorismo, gênero e religião para consolidar a construção de um arcabouço teórico. Após esse processo de construção, foram realizadas até o momento três entrevistas com roteiros estruturados para mulheres, sem restrição de faixa etária e religião, a fim de identificar o modo em que as questões e problematizações encontradas durante o processo teórico se manifestam no cotidiano. Desse modo, as entrevistas foram analisadas com embasamento adquirido nas interpretações construídas de acordo com a revisão de literatura, que abordou temas como a questão de gênero atrelada a concepções religiosas, ao patriarcado e ao conservadorismo. Também é importante destacar que o artigo em tela apresenta as primeiras impressões a respeito da investigação em curso – cujo final ocorrerá ainda no ano em curso.

## **2. “DEUS ACIMA DE TODOS”: A SUBMISSÃO AUTORIZADA**

Sucedendo a interpretação da conjuntura social e política brasileira e, por conseguinte, a conceituação de conservadorismo e conservadorismo religioso, é possível relacionar a questão da religião, de gênero e do patriarcado. Nesse sentido, Duriguetto e Cisne (2015) observam que a conjuntura brasileira sofre com ofensivas conservadoras, e abordam que a configuração religiosa do parlamento dá visibilidade a esses ideais,



contando com falas que saem em defesa da “Família tradicional, da moral e dos bons costumes”.

Continuam, afirmando que os religiosos – cristãos em sua quase totalidade – apresentavam propostas fundamentalistas baseadas em seus dogmas religiosos. À vista disso, baseando-se em Iamamoto, evidenciam que uma característica do pensamento conservador é a apreensão da sociedade na qual o modelo é a família. Assim, “os pequenos grupos são tidos como fonte das relações interpessoais, da sociabilidade e da moralidade. Os elementos sagrados, irracionais [...] são valorizados, em contraposição ao primado da razão. Tradição e costumes legitimam a autoridade” (IAMAMOTO, 2000, p. 24).

Intrínseco ao conservadorismo, se consolida o conservadorismo religioso. Nesse sentido, Portugal (2019) afirma que o conservadorismo religioso se refere a experiência de contato com o sagrado, além de preservar valores e tradições que podem estar sendo ameaçadas. Em um contexto marcado pelo individualismo e pela fragmentação social, Silva et al (2023, p. 77) caracterizam o conservadorismo religioso como “compacto, refratário a críticas externas, altamente mobilizador (pela repetição, clima emotivo ao extremo, pouco afeito ao processo racional/hermenêutico/crítico), dissuasor da pluralidade interna, fabricante de utopias regressivas”.

Consequentemente, afirmam a ascensão desse conservadorismo, que invade o campo da política. Nesse âmbito, “as fronteiras entre religião e política se desmancham”, com a presença de dogmatismos (SILVA, SILVEIRA, SOUZA, 2023). Por fim, concluem que o conservadorismo é um fluxo de falas repetitivas, com uma forte recorrência à linguagem.

Como observado no contexto político e social tratado acima, a questão de gênero permeia e se atrela ao conceito de conservadorismo, na medida em que se defende a “família tradicional”, manter os “bons costumes”, o “controle dos corpos” e se opõe às inovações. Nesse sentido, Rosado (2017) declara que o novo contexto apresenta uma nova configuração, retomando à cena as modalidades conservadoras e fundamentalistas de pensar e agir, perpassadas por um cunho racista, patriarcal e repressivo. Ao se referir à religião, se baseia no sociólogo brasileiro Sérgio Paulo Rouanet (2001, p. 3), indicando que o fundamentalismo possui um caráter de tradicionalismo em questões morais, apresentando uma posição retrógrada ao se tratar da mulher.

Nesse viés, ao relacionar religião e gênero, Rosado afirma que há uma distinção entre homens e mulheres para o cristianismo. Destarte, aos homens cabem o governo e o poder, enquanto para as mulheres se destina a reprodução e a domesticidade, utilizando a frase: “Belas, recatadas e do lar” (ROSADO, 2017). Tratando desse ponto, Rosado, a partir de Donna Haraway (2004, p. 211), aponta que o conceito de gênero se desenvolve na direção de contestar a naturalização da diferença sexual, explicitando que tal diferença é socialmente construída, perpassada por relações de hierarquia e antagonismo.



Na direção de abordar a questão do comportamento esperado pelas mulheres, através da distinção entre os homens, a autora, baseada em Monique Dumais, afirma que uma das reivindicações femininas é o controle do próprio corpo. Assim, se defende que “os corpos das mulheres têm sido o lócus privilegiado de controle social e religioso dos homens sobre as mulheres” (ROSADO, 2017, p. 75), criticando a submissão do corpo da mulher para a autoridade de outras pessoas.

Em sua obra “Gênero e religião”, Rosado (2005) trata uma relação mais próxima com a religião. Isso posto, afirma que a construção social das religiões é atravessada por relações de gênero, raça e classe. Diante da famosa frase de Simone de Beauvoir – “não nascemos mulheres, nos tornamos mulheres”, interpreta que a questão de “feminino” e “masculino” é menos biológica do que construções sociais e culturais. Logo, alega que as religiões, de maneira explícita ou não, possuem uma visão que delimita papéis femininos e masculinos, a partir de uma fundamentação não humana, portanto, imutável e indiscutível. Com isso, as religiões reproduzem seus valores em seus discursos, apontando que as normas, regras e doutrinas religiosas são definidas por homens. Assim sendo, os homens expressam sua dominação até mesmo no âmbito sagrado.

Na questão de dominação exercida pelos homens, é importante tratar brevemente do conceito de patriarcado. De acordo com Saffioti (2015), o patriarcado se constitui enquanto um regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens, atravessando todas as instituições. Com isso, se interpreta que o gênero feminino não é uma categoria social dominante. Ao conceituar gênero enquanto uma categoria histórica, se entende que tal conceito também se refere “como um conjunto de normas modeladoras dos seres humanos em homens e em mulheres, normas estas expressas nas relações destas duas categorias sociais” (SAFFIOTI, 2015, p. 74).

Posta a ordem patriarcal vigente, Saffioti aponta que a desigualdade de gênero não é natural, mas sim construída nas relações entre homens e mulheres, determinada pela tradição cultural, pelas estruturas de poder e pelos envolvidos nas relações sociais. Tendo em vista a organização social de gênero, tal questão é constituída por uma hierarquia, na qual os homens são os dominadores-exploradores, baseado na virilidade enquanto potência de dominação. No sentido de virilidade e dominação, Saffioti aborda a respeito da violência doméstica: “o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina.” (SAFFIOTI, 2015, p. 90)

Ainda de acordo com Saffioti, em seu livro “O poder do macho”, na sociedade brasileira homens e mulheres não ocupam posições iguais, tendo em vista que a identidade social do homem e da mulher se constrói a partir da atribuição de papéis a serem cumpridos por essas categorias de sexo. Desse modo, assegura: “A sociedade delimita, com bastante



precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 8). O cuidado com os filhos, como um exemplo trazido pela autora, se constitui enquanto uma tarefa tradicionalmente da mulher. Assim, se torna clara a atribuição da sociedade ao espaço doméstico da mulher, naturalizando esse processo na medida em que se defende que tal atribuição decorre da capacidade de ser mãe.

Esse sentido de fenômeno natural constitui a dimensão social e cultural, na medida em que é formulado de diferentes maneiras de acordo com a sociedade. Nesse panorama, Saffioti aponta que ser mulher em uma sociedade católica não é o mesmo que em uma sociedade muçulmana, reiterando a dimensão sociocultural da frase "ninguém nasce mulher, torna-se mulher".

Bandini (2015, p. 1411), que aborda a religião pentecostal em suas análises, afirma que esta reproduz a subordinação feminina na medida em que a “identidade feminina pentecostal” enfatiza a postura do “ser mulher”. A autora ainda reitera que o gênero não é o único elemento que constitui o sujeito, assim, a classe, raça, religião e cultura também são determinantes nesse processo. Com isso, o sujeito é portador de inúmeras identidades e subjetividades. Afirma que o gênero não é estabelecido a partir de um único discurso ideológico, sendo perpassado pelas categorias de religião, de política, e outras.

No que tange às relações de poder, Bandini interpreta que estas dizem respeito também às instituições religiosas, na medida em que, através de seus discursos, regras e doutrinas atuam enquanto elementos doutrinadores. A autora, através de Souza e Lemos (2009, p. 53) afirma que a tradição cristã ocidental reproduz a hierarquia dos sexos e os papéis socialmente construídos. E as instituições religiosas, por meio de suas doutrinas e tradições próprias, estabelecem relações que distinguem os gêneros e os valores religiosos atuam na distinção entre identidades masculinas e femininas. Desta forma, os/as seguidores/as de uma religião articulam suas subjetividades, consolidadas ao longo da vida, conforme o que dita a religião (BANDINI, 2014, p. 113).

Ao estarem inseridas em uma sociedade patriarcal, as mulheres naturalizam e reafirmam o discurso dominante, reforçando e legitimando a associação entre dominação masculina e poder religioso a partir da “fragilidade inata das mulheres” (BANDINI, 2015, p. 1423). A autora aborda, em específico, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD): destaca que essa igreja fortalece a estrutura institucional e o poder patriarcal a partir de passagens bíblicas referentes a mulheres como Noemi, Rute e Maria - “exemplos femininos a serem seguidos”, na medida em que construíram os “atributos femininos”, validando a ordem tradicional de gênero. Tais mulheres se destacam porque possuem:

Características socialmente reconhecidas como qualidades femininas, sendo elas: benévolas, criteriosas, ajuizadas, pacificadoras, harmoniosas, maternais,



companheiras dóceis, submissas e cumprem com contentamento e destreza as atividades domésticas (BANDINI, 2015, p. 1417).

Após a construção de um arcabouço teórico tratando da conjuntura brasileira, do conservadorismo e da questão de gênero, buscou-se compreender de que modo legitima-se e se reproduz a influência da religião no comportamento e na concepção de mundo das mulheres. Foram realizadas, até o momento, três entrevistas estruturadas a fim de contribuir com as análises e verificar esse processo de reprodução de concepções religiosas. Duas delas foram realizadas com profissionais – Assistente Social e Psicóloga - da Política de Assistência Social de uma cidade do norte do Paraná. Outra, foi realizada com uma Professora, da mesma cidade.

A assistente social, aqui referida como A.S, informou que atualmente não frequenta igreja. Entretanto, já fez parte da Igreja Católica. Assim sendo, respondeu às perguntas levando em consideração essa trajetória, conciliando com seus posicionamentos atuais. Em resposta ao questionamento de quais princípios e valores religiosos caracteriza como essenciais, respondeu:

Respeito à dignidade humana' e 'amar o outro como a ti mesmo', para amar o outro, o amor parte de si mesmo, necessitando se amar em primeiro lugar. Depois se deve amar ao outro, mas da mesma forma em que se ama, demonstrando que o outro é igual a mim.

No que diz respeito ao papel da mulher na sociedade, A.S discorre:

Considerando a sociedade patriarcal, misógina e machista de desvalorização a mulher, se entende que nesta sociedade o papel da mulher deve ser de participar da construção de uma nova ordem societária. Na Igreja, sendo essa uma instituição que não se desvincula da realidade e da sociedade patriarcal, a Igreja também reproduz as relações machistas da sociedade.

No que se refere ao líder religioso, como A.S não frequenta igreja ou professa uma religião, utiliza como referencial o Papa Francisco, afirmando que o mesmo traz algumas abordagens diferenciadas no trato da mulher. No geral, aponta que Papa Francisco tem uma visão voltada para os direitos humanos.

Sobre o papel da mulher na igreja e na sociedade, é perguntado se o entendimento da entrevistada sobre essa questão era o mesmo do líder religioso usado como referência. A entrevistada afirma que na Igreja “a mulher não tem valor”, devido a grande influência do apóstolo Paulo, considerado um misógino, na Igreja Católica: “a Igreja submete as mulheres a uma forma desumana, uma forma violenta de submissão”.

Ao ser questionada sobre a forma com que as mulheres conciliam o que aprendem na igreja (no que se refere ao papel da mulher) com sua vida cotidiana, A.S interpreta a utilização da fé para a manutenção do patriarcado; e relaciona a baixa formação educacional, a ausência de lazer e cultura como elementos que contribuem para a importância da Igreja. Afirma que nessa ausência, a igreja se torna um local de lazer “onde a



classe trabalhadora encontra possibilidades de frequentar um espaço”. Continua, dizendo que:

...chega final de semana, as famílias não têm condições de frequentar um teatro, um cinema, ou fazer algum outro passeio. Assim, seu passeio se torna ir à Igreja.

Por fim, foi apresentada a frase: “Seja mulher - cuide do marido, dos filhos, da casa - ensine suas meninas a serem mulheres distintas, diferentes dos homens. Mostre que a Bíblia ensina que mulheres são diferentes dos homens, mesmo possuindo igual valor”. Ao ser solicitada para interpretar essa afirmação, A.S retoma a Idade Média, comentando a respeito dos “manuais de como se vestir, de como ter etiqueta, de como se comportar”. Afirma que “hoje, estamos na barbárie, esse tipo de discurso, de manuais, ainda dita e são tidos como a receita de ser feliz”. Alega que a religião endossa e reforça todos esses cuidados que se atribui e se espera das mulheres para com sua família.

Com o mesmo roteiro estruturado, foi entrevistada P. Ela também informa que atualmente não frequenta igreja ou espaço religioso. Entretanto, acredita em Deus e já frequentou a Igreja Católica. Questionada a respeito dos princípios e valores religiosos essenciais, aborda “ter fé em Deus”, pois se aproximou de Deus em um momento de dificuldade, sentindo mudanças positivas em sua vida. Indagada sobre o papel da mulher na sociedade e na igreja, alega que “muitas vezes as mulheres não sabem a força que tem na sociedade”. Na Igreja, por experiências familiares, aponta que as mulheres são figuras bem fortes. Assim, é na igreja que buscam forças para dar suporte à família.

A respeito do papel da mulher na igreja e na sociedade, pregado pelo líder religioso, indica que, por mais que as mulheres sejam de grande importância no espaço religioso, muitas vezes é colocada em uma posição submissa. Afirma ainda que essa questão fica implícita nos discursos, que “estão mais modernos, não falam de forma explícita, mas defendem a submissão”. Em sequência, a respeito da concordância ou não sobre o entendimento do líder religioso, P aponta que não concorda com essa perspectiva, pois acredita que as mulheres “são capazes de fazer as próprias escolhas, muitas vezes só ela sabe o que ela passa”.

Ao ser questionada sobre como concilia o que ouve na igreja sobre o papel da mulher com o seu dia a dia, P discorre com base em sua atuação profissional. Assim, diz que, ainda que veja essa concepção de submissa em discursos – que assiste de forma online – de padres, relaciona esse conteúdo da submissão com o que depara em seu cotidiano de trabalho, em atendimento às mulheres vítimas de violência, “atende mulheres que ficam anos no relacionamento porque aprenderam que precisam estar ao lado do marido mesmo em sofrimento.”





Na questão sobre como acha que as mulheres conciliam o que aprendem na igreja sobre o papel da mulher na sociedade com sua vida cotidiana, em conjunto com a resposta anterior, a psicóloga diz que muitas vezes é exigido da mulher que ela “tenha paciência com o marido, que aguentem tudo pelo casamento, dizendo que tem fé na mudança dele, porque para Deus nada é impossível”. Apresentada a frase “Seja mulher - cuide do marido, dos filhos, da casa - ensine suas meninas a serem mulheres distintas, diferentes dos homens. Mostre que a Bíblia ensina que mulheres são diferentes dos homens, mesmo possuindo igual valor”, a analisou com calma, por partes.

Inicialmente pergunta: “primeiramente, o que consideram como ser mulher? Começa por aí”. Em sequência, aponta que a mulher deve cuidar primeiro de si mesma. Nessa percepção, afirma que muitas vezes elas surtam por “não dar conta de tudo”, ficando assim sobrecarregada, “sempre se deixando em último lugar”. No que tange a respeito do trecho “mostre que a Bíblia ensina que...”, declara que isso é uma forma de interpretar a Bíblia. Questiona: “então se ela não seguir tudo isso, ela não é mulher?” e alega que esta interpretação é muito radical, e não concorda dessa forma.

A partir das ponderações das profissionais que aceitaram participar da pesquisa, ambas lidam cotidianamente com mulheres em situações de vulnerabilidade e possivelmente com ocorrência de violência doméstica.

Por fim, a última entrevistada, aqui referida como *PR*, atua na Política de Educação da mesma cidade. Informa que frequentou a Igreja Católica durante toda sua vida, e hoje a frequenta no mínimo 2 vezes por semana. A respeito dos princípios e valores religiosos que caracteriza como essencial, aponta a humildade, considerando que aprendeu isso durante toda sua vida inclusive em sua casa, e a caridade, como uma forma de dedicação ao próximo. Afirma que se doando pelo outro é uma forma de sentir a presença de Deus.

Sobre o papel da mulher na sociedade, alega ter “uma visão antiga”, na qual a mulher, acima de tudo, deve assumir seu papel como mãe. E ainda que hoje as mulheres tenham o “auxílio” do marido, o principal papel de cuidado ainda é da mulher. Na igreja, afirma que as mulheres são “iguais aos homens”, devendo desempenhar o papel de frequentar ativamente as igrejas. Entretanto, aponta que uma mulher não substitui um padre ou um diácono, que se deve respeitar essa hierarquia de liderança religiosa. Acredita ainda que, embora os homens também desempenhem alguns papéis, se atribui a mulher na igreja a função de acolhida, participando de algumas pastorais.

Quanto ao que prega o seu líder religioso sobre o papel da mulher, aponta que o padre defende que todos devem trabalhar juntos nas pastorais. Assim, nos ministérios e nas liturgias, homens e mulheres participam de forma igual. Defende que todos, incluindo homens, mulheres e jovens devem servir a Deus. No que se refere à sociedade, a entrevistada acredita que o padre tem um viés “mais moderno”, compreendendo que a



mulher não é somente mãe, respeitando as mulheres que optam por trabalhar fora “servindo dentro e fora de casa”.

A respeito da concordância ou não sobre o entendimento do seu líder religioso sobre o papel da mulher, sinaliza que não gostaria que essa visão sobre a mulher tivesse mudado (compreendendo para além do papel de mãe), mas ainda assim procura concordar com seu líder. Dessa forma, *PR* além de cumprir seu papel de cuidado com o lar, também trabalha fora de casa. Entretanto, afirma que “se pudesse, me dedicava somente ao lar”.

Questionada sobre como concilia o que ouve na igreja com sua vida diária, a entrevistada, devido ao fato de que seu líder é “mais moderno” na visão do papel da mulher, alegou que tenta conciliar sua visão de mulher enquanto essencialmente do lar com a oportunidade de trabalhar fora de casa, abordada pelo seu líder religioso. Assim, aponta que trabalhar fora somente meio período é uma forma de conciliar sua vida profissional com suas atividades do lar. Dessa maneira, não se sobrecarrega, se esforçando para se dedicar “ao próximo e aos seus”. Afirma ainda que tenta fazer “bem feito dentro e fora de casa”.

Referente ao modo como outras mulheres conciliam o que ouvem na igreja com a vida cotidiana, *PR* diz que, na igreja que frequenta, observa algumas particularidades. Algumas mulheres se dedicam somente ao lar e a família, enquanto outras conciliam a vida doméstica com o profissional. Assim, elas conciliam o que ouvem de acordo com a sua prática, com suas particularidades e necessidades. Ainda, o fazem com leveza para lidar com as cobranças da sociedade. Dessa maneira, considera muito importante adaptar aquilo que aprendem na igreja de acordo com suas particularidades.

Encerrando a entrevista, opinou sobre a frase: “Seja mulher - cuide do marido, dos filhos, da casa - ensine suas meninas a serem mulheres distintas, diferentes dos homens. Mostre que a Bíblia ensina que mulheres são diferentes dos homens, mesmo possuindo igual valor”. Disse que concorda totalmente, que expressa exatamente seu ponto de vista. Afirma que “menina tem que ser menina”, que ensina a sua filha que ela deve ser mulher, “com sua feminilidade, que ela vai ser mãe e esposa, que precisa se cuidar”. É adepta à ideia de que o homem tem o seu papel, que ele deve ser o provedor, e que a mulher deve deixá-lo desempenhar sua função. Afirma que “muitas mulheres, mesmo tendo um homem em casa, querem ser a provedora”, alegando que não concorda com isso. Diz que compreende que atualmente a mulher também ajuda na tomada de decisões, também participa, mas que cabe ao homem esse papel de administrar. Reconhece que todos têm valor, mas acredita nessa divisão de papéis e funções, em que a mulher deve cuidar de seu marido e zelar pela família.

### **3. RESULTADOS E CONCLUSÕES**



A conjuntura brasileira atual trouxe à cena a tendência crescente do conservadorismo, que perpassa todas as esferas - social, política, econômica, cultural.

Nesse viés, o artigo apresentado se debruçou em assimilar os conceitos de gênero, religião e conservadorismo, estudados a partir da revisão de literatura, relacionando-os com a manifestação de concepções religiosas no cotidiano das mulheres. Ao interpretar a questão dos papéis sociais de gênero de Saffioti, se confirma a atribuição do espaço doméstico às mulheres, naturalizando, por meio de um argumento biológico, aquilo que na verdade é uma construção social.

Na primeira etapa da pesquisa que desenvolvemos, cujo resultado foram apresentados e publicados nos Anais do seminário realizado pelo Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR/UEL, 2023), com o título “Concepções religiosas publicadas em redes sociais: postagens que reafirmam a submissão feminina” (RODRIGUES, SILVA, 2023), foram selecionadas postagens na rede social Instagram que tratassem de manifestações de concepções religiosas publicadas por mulheres. Nessa pesquisa, concluiu-se que a divulgação dessas postagens religiosas contribuíam para a reprodução e legitimação do controle do comportamento feminino, ancorado em concepções conservadoras e patriarcais. As redes sociais, dado seu grande alcance, atuaram enquanto um instrumento de propagação de concepções que reafirmam a posição subalterna da mulher, reproduzindo ideais conservadores e normas religiosas.

Após a conclusão da pesquisa citada acima, buscou-se verificar e entender como se dá essa reprodução fora das redes sociais, ou seja, como as mulheres reproduzem e legitimam normas de comportamentos pregados e reforçados por líderes religiosos na sociedade brasileira atual. Posto isso, foram realizadas, até o momento, três entrevistas estruturadas que permitissem entender de que modo as estratégias das igrejas podem legitimar a reprodução da influência religiosa no comportamento e concepção de mundo das mulheres.

Na realização das entrevistas com *A.S* e *P*, observou-se alguns elementos em comum: ainda que ambas não frequentem alguma igreja, declaram ter uma religiosidade – afinal, o Brasil é um país em que 92% da população declara uma religião (IBGE, 2010), mas, ao menos nas entrevistas, declararam que na atividade profissional, os valores religiosos não interferem; e ambas identificam e apontam a força da religião na reprodução e legitimidade da subalternidade da mulher ao homem.

Contudo, na entrevista realizada com *PR*, verifica-se a presença de valores religiosos quando concorda com as atribuições de papéis sociais de gênero, designando à mulher o espaço doméstico e materno. Nesta entrevista em específico, pode-se verificar as



considerações apontadas no estudo realizado nas redes sociais, ou seja, expressa o modo no qual mulheres religiosas manifestam suas concepções.

Assim, levanta-se a seguinte questão: como essa profissional atende e encaminha a mulher vítima de violência e que deseja interromper uma relação abusiva?

As entrevistadas A.S e P lidam no dia a dia profissional com situações de submissão e violência contra a mulher, reconhecendo e identificando a influência dos valores religiosos nas atitudes e comportamento das mulheres. Tendo em vista que tais concepções religiosas foram reproduzidas e consolidadas ao longo dos anos, nota-se que estão enraizadas em todas as esferas da sociedade, independente de a mulher participar de alguma igreja ou não. Nesse sentido, a participação de mulheres de todas as idades, sendo elas pertencentes aos mais variados movimentos religiosos e segmentos sociais, atua na reprodução e legitimação de normas de comportamentos baseadas em valores religiosos.

A partir dessas breves reflexões, espera-se possibilitar e estimular debates que permitam identificar e contestar uma interpretação bíblica que, em nome de Deus, reforça a submissão e as múltiplas violências contra a mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. DOSSIÊ CONSERVADORISMO, DIREITOS, MORALIDADES E VIOLÊNCIA. Cadernos pagu (50), 2017:e175001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500001>. Acesso em: 09 fev. 2024

BANDINI, Claudirene de P. **Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus.** Dossiê: Relações de Gênero e Religião. Horizonte, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1410-1426, jul./set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n39p1410>. Acesso em: 12 fev. 2024

DURIGUETTO, Maria L. CISNE, Mirla. Feminismo e radicalização da democracia: desafios em tempos de recrudescimento do conservadorismo no Brasil. SER Social, Brasília, v. 17, n. 36, p. 13-30, jan.-jun./2015. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/download/13413/11741/23872](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/download/13413/11741/23872). Acesso em: 12 fev. 2024

GRACINO JUNIOR, Paulo. GOULART, Mayra. FRIAS, Paula. **“Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo.** Cad. Metrop., São Paulo, v. 23, n. 51, pp. 547-579, maio/ago 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5105>. Acesso em: 09 fev. 2024

MAITINO, M. E. Populismo e bolsonarismo. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e020002, 2020. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167>. Acesso em: 12 fev. 2024.



PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. Religião, Conservadorismo e Inteligência. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 170–188, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/29089>. Acesso em: 02 fev. 2024.

RODRIGUES, Ana Clara R. SILVA, Claudia Neves. **Concepções religiosas publicadas em Redes Sociais: Postagens que reafirmam a submissão feminina**. X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo Contemporâneo, v. 1 n. 1 (2023). Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/lerr/article/view/2311>. Acesso em: 01 mar. 2024

ROSADO, Maria J. **Feminismo, gênero e religião** – os desafios de um encontro possível. Estudos de Religião, v. 31, n. 2, p. 65-76, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v31n2p65-76>. Acesso em: 12 fev. 2024

ROSADO, Maria J. **Gênero e religião**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(2): 363-365, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. Acesso em: 12 fev. 2024

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Antonio O. O Pensamento Conservador. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 107, p. 53-55, Abril de 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9912>. Acesso em: 12 fev. 2024

SILVA, Rodrigo A. T. M. Leal da. **Neoliberalismo, conservadorismo religioso e opressões de gênero e sexualidade no Brasil**. Serviço Social & Sociedade, v. 146, n. 1, p. 244-262, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.312>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SILVA, E. F. da; SILVEIRA, E. J. S. da; SOUZA, H. H. de. “Dois termos, nada mais, nada menos”: conservadorismo religioso, políticas públicas e gênero. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 71–98, 2023. DOI: 10.32335/2238-0426.2023.13.30.8672. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/8672>. Acesso em: 20 fev. 2024